

# **A PERIFERIA DE CATARINA COSTA: UMA LEITURA À LUZ DA VIOLÊNCIA DA MODERNIDADE**

## **CATARINA COSTA'S *PERIFERIA*: A READING IN THE LIGHT OF MODERNITY'S VIOLENCE**

*Sandra Sousa*<sup>1</sup>

---

### **RESUMO**

*Periferia* de Catarina Costa é um romance desafiador a vários níveis, que nos oferece a possibilidade de pensar a questão da modernidade em relação com a violência contra as mulheres. Neste artigo, pretendo analisar *Periferia* à luz do artigo de Mary Louise Pratt, “Modernity and Periphery: Toward a Global and Relational Analysis” e de filósofos da modernidade/colonialidade como Nelson Maldonado-Torres, entre outros. É minha intenção, neste espaço, mostrar como o romance *Periferia* desconstrói a “falácia eurocêntrica,” na expressão de Enrique Dussel (DUSSEL, 1995, p. 65), e patriarcal, arraigada na modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade. Decolonialidade. Violência. Centro-periferia.

### **ABSTRACT**

Catarina Costa's *Periferia* is a challenging novel on several levels, which offers us the possibility of thinking about the issue of modernity in relation to violence against women. In this article, I intend to analyze *Periferia* in the light of Mary Louise Pratt's article, “Modernity and Periphery: Toward a Global and Relational Analysis” and philosophers of modernity/coloniality such as Nelson Maldonado-Torres, among others. It is my intention, in this space, to show how the novel *Periferia* deconstructs the “Eurocentric fallacy,” in the expression of Enrique Dussel (DUSSEL, 1995, p. 65), and patriarchal, rooted in modernity.

**KEYWORDS:** Modernity. Coloniality. Violence. Center-periphery.

O primeiro romance de Catarina Costa (2022) tem como título uma palavra que nos desperta de imediato a atenção, especialmente se estivermos familiarizados com o longo debate sobre o conceito de modernidade: “periferia.” *Periferia* constituiu-se como uma narrativa distópica, no entanto, ela é demasiado familiar em várias regiões do mundo e em diferentes contextos históricos. Não contendo nenhuma referência a espaço ou época, o romance é maleável e adaptável a diversas interpretações, situando-se como uma narrativa de literatura-mundial. É ainda uma narrativa de uma mulher, sem nome, contada em primeira pessoa, que se exime de nomear aqueles que descreve. Estes aparecem apenas descritos por uma letra do alfabeto, provavelmente a primeira do seu nome: Sra. V., X., R., e por aí adiante. O mundo da protagonista é um mundo dividido em dois grupos, os Pacientes e os Não-Pacientes, identificados pela cor dos anéis que todos usam. Romance desafiador a vários níveis, ele oferece-nos a possibilidade de pensar a questão da modernidade em relação com violência contra as mulheres à luz do artigo de Mary Louise Pratt, “Modernity and Periphery: Toward a Global and Relational Analysis” e de filósofos da modernidade/colonialidade como Nelson Maldonado-Torres, entre outros. É minha intenção, neste espaço, mostrar como o romance *Periferia* desconstrói a “falácia eurocêntrica,” na expressão de Enrique Dussel (DUSSEL, 1995, p. 65) e patriarcal, arraigada na modernidade.

A modernidade revela-se como um conceito que exhibe uma variedade de narrativas de origem. Há argumentos que situam o seu início em 1436 com Guttenberg e a invenção da imprensa que provocou uma enorme revolução: o processo de aceleração da produção de livros. A partir desse momento, imprimir e compor livros deixaram de ser práticas manuais e artesanais e tornaram-se uma produção em série mecanizada. Outra versão, situa o começo da modernidade nos finais do século XV com a expansão portuguesa. A lista é extensa, mas um elemento em particular os une: o estabelecimento de características definidoras do que se entende por modernidade a partir de uma visão que se encara a si mesma como o centro do mundo, ou seja, disseminada pela Europa e/ou pela América do Norte.

No artigo acima mencionado, Pratt analisa as armadilhas da modernidade alertando-nos para o facto de que quando o termo *pós-moderno* começou a circular na década de 1980, em várias partes do planeta, duas reacções prevaleceram. Alguns sentiram que ainda não tinham sequer chegado à modernidade; outros, de acordo com os parâmetros da pós-modernidade, que sempre lá tinham estado e que só agora o resto do mundo os estava a apanhar. O que daqui ressalta, é a necessidade de se pensar a modernidade de forma mais complexa e inteligível. Para Pratt, a nossa compreensão da modernidade continua a ser incompleta (PRATT, 2002, p. 22), sugerindo um esboço para um relato da modernidade global e relacional. Se até agora a modernidade tem falado sobre si própria do ponto de vista do centro metropolitano, sendo que o centro codifica a periferia nos seus relatos, Pratt sugere que “the opacity and incoherence of accounts of modernity

constructed at the center derive in significant degree from their elision of the periphery and of center-periphery relations, that is, from a dramatic failure to recognize the diffusionist character of modernity as one of its most central features” (PRATT, 2002, p. 22). Izabel Margato alerta igualmente para as contradições, desdobramentos e significações da modernidade, implicados desde logo no título do seu livro *Tirantias da Modernidade* (2008). Se, por um lado, a modernidade possui uma força que contagia e agrega, por outro, ela é excludente e desintegradora pois coloca à margem ou expulsa para a periferia tudo (todos) o que não se coaduna com as suas características constitutivas e sintomáticas. O que não couber ou se ajustar ao seu horizonte de expectativas, vai ser expulso como uma sobra, um resíduo, um fora de lugar. A modernidade assenta, assim, em narrativas que a definem em relação a uma série de “outros”, como afirma Pratt, “feudalism, absolutism, the primitive (i.e., tribal or subsistence societies), the traditional (i.e., peasant and rural societies), the irrational (animals, non-Westerners, and women), and the underdeveloped or backward (the colonial/neocolonial world)” (PRATT, 2002, p. 25). A constante, novamente, é que em cada narrativa *tem* de existir um outro.

Embora os críticos contemporâneos tenham começado a questionar os aspectos universalizadores e totalizantes das narrativas da modernidade, para Pratt, o problema situa-se no facto de que pouco tem sido dito sobre os seus aspectos centralizadores, ou seja, “[t]he apparent disjointness and inconsistency of modernity’s descriptions of itself are a by-product of this centralizing tendency, this centrism” (PRATT, 2002, p. 26). A um nível empírico, prossegue Pratt, “the centrism of the metropolitan discourse on modernity depends upon a form of interpretive power that involves what might be called the *monopolistic use of categories*” (PRATT, 2002, p. 26). A estudiosa sugere, deste modo, que a ideia de modernidade foi um dos principais tropos através dos quais a Europa se construiu a si mesma como o centro e o resto do planeta como a sua periferia. A modernidade é ainda um projecto *difusionista*, desenhado para interpelar outros a partir de um centro. Nas palavras de Pratt, “One of its prime tasks was to make particular kinds of sense of, and give particular kinds of direction to, Europe’s interactions with the rest of the world” (PRATT, 2002, p. 27). Poderá assim pensar-se a modernidade como um discurso identitário, como o discurso identitário da Europa (ou do mundo branco) ao assumir domínio global. Em suma: “The need for narratives of origins, distinctive features, and reified Others, and the policing of boundaries combined with the slippery capacity to create and erase otherness as needed are signposts of identity discourses. Hence, the centrism of modernity is in part ethnocentrism, though it does not readily identify itself in this manner” (PRATT, 2002, p. 27-28). Resulta então que a modernidade contém uma contradição interna que resulta, por um lado, da sua necessidade de fixar a alteridade e, por outro, o seu projecto difusionista de produzir sujeitos. Esta contradição interna intersecta com outra, de acordo com Pratt: “a concept of individual liberty that depends on the

subordination or self-subordination of others” (PRATT, 2002, p. 28). Este conceito — masculinizado — de liberdade, concebida a nível individual, depende a priori da existência de sectores populacionais que, por definição, não são livres, e pressupõe uma divisão do trabalho em que a reprodução e a continuidade social são levadas a cabo por “outros”.

A modernidade tem, assim, sido considerada como refere Malešević, em termos de “universal rationality, economic growth, scientific progress and peace” (MALEŠEVIĆ, 2010, p. 17). Muitos teóricos políticos e sociais modernos e contemporâneos, em particular os de orientação mais liberal, acreditam que a modernidade poderia substituir os regimes militares por regimes baseados na indústria e na eficiência económica assim como a modernidade acabaria por chegar a todas as partes do mundo e aos grupos subalternos onde se inserem as mulheres. A violência, vista como atávica e irracional, acabaria por desaparecer. Desmascarar o problema da modernidade foi tarefa levada a cabo por muitos, como Marx, Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud, entre outros, e, mais recentemente, por Nelson Maldonado-Torres. Este último afirma que “the globe is still going through the globalization and solidification, even amidst various crisis, of a civilization system that has coloniality as its basis. Therefore, the continued unfolding of Western modernity is also the reinforcement, through crude and vulgar repetitions as well as more or less creative adjustments, of coloniality” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 1). Foi apenas na segunda metade do século XIX que feministas e intelectuais pós-coloniais começaram a perscrutar de forma mais sistemática a modernidade e o pensamento iluminista, ao tomarem consciência de que a opressão das mulheres e dos colonizados é criação das sociedades modernas. Mais recentemente, feministas influenciadas pela segunda onda do feminismo na década de 1970 começaram a desafiar os cânones do género da filosofia (ocidental) e da teoria política. A sua crítica assenta na asserção de que a modernidade se apoia na dicotomia hierárquica entre mente (razão) e corpo, que associa o homem à razão e a mulher ao corpo. Tal dicotomia, como já observado em Pratt, traduz-se na desigualdade de género e na exploração da mulher e na violência contra a mesma. O desafio a esta hierarquia que naturalmente dá permissão a várias formas de violência tem sido desafiada inúmeras vezes, embora esteja longe de ser erradicada.

Voltando a Maldonado-Torres, este afirma que “the modern/Western male and female binary is informed and informs the division between the subject as freedom and the subject as body” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 15). A masculinidade é, assim, concebida como a forma mais elevada de autodeterminação e liberdade e, até certo ponto, os corpos masculinos são considerados mais refinados e capazes. Se o homem é racional e ativo, a mulher é vista como irracional ou emocional e passiva. No mundo moderno/colonial, esse binómio activo/passivo é compreendido no contexto de uma outra realidade onde os sujeitos parecem partilhar mais características com os animais não humanos do que com a própria humanidade. A colo-

nialidade naturaliza esta condição “and makes it irrefutable, systematic, and permanent” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 15). O risco de violência, embora a ela seja vulnerável qualquer mulher, assume uma maior incidência em mulheres de grupos não-ocidentais:

As much as femininity is conceived in terms of passivity and embodiment, femininity is generally considered to be an abused but also protected zone that limits the extend and degree of violence towards those who are seen as feminine. Therefore, a black woman is, by definition, never considered to be feminine enough, or is outside of the standard norms of the feminine (see Davis 1983; Spillers 1987), which means that whatever safeguards come with being recognized as female do not extend to black women. (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 15)

A violência não desapareceu com a modernidade. Podemos mesmo afirmar que novas e mais insíduas formas de violência surgiram e parecem não ter fim à vista, apesar de todos os avanços tecnológicos dos séculos XX e XXI. O romance *Periferia* situando-se num plano alegórico e distópico sugere-nos várias formas de violência propagadas pela modernidade, entre elas a violência psicológica determinada por condições políticas vindas de um centro representativo de regimes ditatoriais que vão deteriorando as vidas daqueles que são apontados como os “outros”, os subalternos, identificados com uma determinada cor de pele que todos, sem exceção, têm que usar e que os diferencia da “normalidade”.

O romance de Catarina Costa encontra-se dividido em três partes, respectivamente, Cidade, Arrabaldes, Periferia. As três partes são narradas em primeira pessoa por uma mulher que se anuncia como “uma fugitiva, uma mulher marcada para a vida na Periferia” (COSTA, 2022, p. 11), e que se encontra ao abrigo de uma senhora idosa, a Sra. V., com quem não tem laços familiares ou de amizade. O facto de esta mulher não ter nome remete-nos, em primeiro lugar, para a ideia de que um nome é apenas uma designação que não contém a identidade de uma pessoa, de que um nome não pode definir o ser, que tal como as identidades são algo em permanente construção, assim também é o nome que as acompanha. O percurso existencial deste sujeito feminino ao longo da narrativa o confirma pois ela não é a mesma quando chega ao destino final. Poder-se-á ainda pensar nas palavras de Roland Barthes em relação ao “eu” narrativo:

Em princípio, aquele que diz *eu* não tem nome (...); mas, na verdade, *eu* torna-se imediatamente um nome, seu nome. Na narrativa (e em muitas conversações), *eu* já não é um pronome, é um nome, o melhor dos nomes; dizer *eu* é atribuir-se significados; é também prover-se de uma duração biográfica, submeter-se imaginariamente a uma “evolução” inteligível, significar-se como objeto de um destino, dar um sentido ao tempo. (...) é uma configuração incivil, impessoal, acrônica, de relações simbólicas. (BARTHES, 1992, p. 98)

Neste sentido, a narradora do romance, ao tentar dar um sentido ao tempo em que vive, pode adquirir um conjunto de significados que não a limitam como personagem. O seu nome “eu” é, assim, capaz de conter todas as suas plurissignificações, ser maleável ao ponto de não estar sujeito a definir-se e a ser definido por aquilo que o seu nome carrega. Uma vez que, de acordo com Thomas Mckay, existe um “social role of a name” e que tal papel “limits what I can do with it” (MCKAY, 1994, p. 301), a narradora de Costa liberta-se dessa propriedade inerente ao nome, o que lhe confere liberdade no mundo totalitário em que se encontra, liberdade esta que não é mais do que uma ilusão. Deste modo, esta narradora, que é também personagem, coaduna-se com um dos temas do livro, a desconstrução e a invisibilidade de identidades, e com uma nova forma de fazer arte e literatura. Atente-se mais pormenorizadamente às palavras de Barthes: “O que hoje está obsoleto no romance não é o romanesco, é o personagem; o que já não pode ser mais escrito é o Nome Próprio” (BARTHES, 1992, p. 123). Barthes afirma assim a obsolescência do nome próprio, na medida em que ele não pode já dar conta do transbordar de significações. Ao conter a ideia de identidade e, sendo a identidade algo sempre em construção, o nome próprio terá que ser anulado pois não pode representar a mutação constante do indivíduo. No contexto do romance, a ausência de nomes está igualmente relacionada com a necessidade de se passar despercebido no dia-a-dia numa sociedade repressiva em que alguns vivem no limiar, na clandestinidade, no medo de serem descobertos e enviados para a Periferia, um lugar que “[n]inguém sabe ao certo onde fica” (COSTA, 2022, p. 18). É a violência psicológica contra indivíduos, neste caso, centrados no feminino, em toda a sua desumanização e que, como vimos, é parte integral da modernidade.

Para não colocar a sua vida nem a da Sra. V., uma Não-Paciente, em perigo, a narradora tem de sair de casa todas as manhãs cedo para não ser vista pelos vizinhos nem apanhada em rusgas feitas aleatoriamente às casas à procura de Pacientes que se recusaram a ser enviados para a Periferia: “sou forçada a estas saídas para as ruas da cidade que me expulsou, e onde eu me infiltro de novo como um corpo estranho que vai furando clandestinamente o organismo principal” (COSTA, 2022, p. 12). A única solução para não ser apanhada é deambular “sozinha horas e horas sem rumo pelas ruas da cidade simplesmente porque não tenho nenhum esconderijo para as horas diurnas” (COSTA, 2022, p. 12). A narradora deixa de ter uma vida normal e é deslocada para uma periferia dentro da própria cidade, sobrevivendo nas margens do anonimato numa sociedade em que todos são controlados. O uso de véus pelos cidadãos, em que apenas os olhos ficam à vista, uma clara analogia ao Niqab usado em países islâmicos fundamentalistas, permite que passe despercebida no meio da população citadina:

Tento manter o olhar confiante de quem tem um objectivo, um alvo, um destino. Rodeada de outros transeuntes desconhecidos, todos nós de véu, todos nós tentando respeitosamente manter uma certa distância de segurança uns dos outros, com o rosto coberto, anonimizados na grande cidade, caminho rumo a um destino que só eu sei que não existe (...). (COSTA, 2022, p. 14)

O anonimato a que leva o sistema da modernidade encontra-se aqui explícito e é simbolizado pelo uso do véu em sociedades vistas como pré-modernas, irracionais e atrasadas por reprimirem direitos às mulheres, subjugando-as e violentando-as de diversas formas. A protecção do véu é, no entanto, uma falácia. Nas palavras da narradora, “O anonimato proporcionado pelos véus é, claro, enganoso: afinal, o véu apenas tapa a cara enquanto o corpo continua desprotegido, com as suas roupas finas que deixam transparecer as formas das pernas, do tronco, dos seios, dos braços e das mãos enluvadas” (COSTA, 2022, p. 14). Não há forma de se esconder pois “um corpo pode ser memorizado tal como os olhos o são” (COSTA, 2022, p. 14), o que a leva a uma permanente exaustão física devido ao caminhar diário sem quase poder parar.

Os fundamentos da modernidade de que nos fala Pratt encontram-se ainda espelhados no romance de uma outra forma. Reflectindo a experiência do colonialismo, em *Periferia* lemos uma das suas bases, ou seja, a diferenciação entre seres humanos baseada em características físicas promulgadas pelo Darwinismo social: “Foi há cerca de um ano que foi declarado que os Pacientes, que afinal teriam uns pulmões mais frágeis, teriam de ir viver para a Periferia, onde o ar era mais puro que o ar da nossa cidade, que via aumentar o nível de poluição” (COSTA, 2022, p. 16). No romance relata-se uma certa Experiência, vaga e imprecisa, para diferenciar pessoas, remetendo para outras conhecidas experiências a que seres humanos considerados inferiores foram sujeitos:

Nunca nos disseram em que consistiu a Experiência da qual os meus antepassados foram cobaias e pacientes. Sabemos apenas que algo foi alterado neles, ou no corpo ou no cérebro, algo imperceptível mas real, o que fez com que fossem proibidos daí em diante de casar com os outros, com as pessoas não submetidas à Experiência, as pessoas normais. Partiu-se do princípio de que a alteração provocada pela Experiência era transmissível geneticamente, pelo que os Pacientes apenas se podiam casar e ter filhos com outros Pacientes, e assim foi ao longo das gerações seguintes, de maneira a não contaminarem os outros com a marca da sua *diferença*. (COSTA, 2022, p. 18-19, grifos meus)

A construção da *diferença* presente no romance através da distinção entre dois grupos diferentes de seres humanos é *uma das características principais do racismo*. Como refere Grada Kilomba no seu estudo *Plantation Memories*, em que retrata e denuncia através de vozes femininas as desigualdades sociais e culturais sofridas por mulheres negras: “One only becomes ‘different’ because one ‘differs’ from a group who has the power to define itself as the norm — the *white* norm” (KILOMBA, 2020, p. 40, grifo do autor). Embora no romance não se fale em cor de pele, a analogia é demasiado óbvia com a construção do racismo durante o período colonial em que foi estabelecida uma hierarquia entre povos, ou seja, “these constructed differences are inseparably linked to hierarchical values” (KILOMBA, 2020, p. 40, grifo do autor). Todos os Pacientes formam um grupo “anormal” que se espelha nas palavras de Kilomba:

Not only is the individual seen as ‘different,’ but also this difference is articulated through stigma, dishonor and inferiority. Such hierarchical values implicate a process of naturalization, as they are applied to all members of the same group who come to be seen as ‘the problematic,’ ‘the difficult,’ ‘the dangerous,’ ‘the lazy,’ ‘the exotic,’ ‘the colorful,’ and ‘the unusual.’ (KILOMBA, 2020, p. 40-41)

Por último, estes dois processos são acompanhados pela noção de *poder*, seja ele histórico, político, social ou económico. No caso do romance, os três primeiros encontram-se em evidência denotando-se o racismo inerente a esta sociedade distópica, em que os Pacientes se tornam sujeitos incompletos, perdendo os seus direitos e cultivando o medo: “(...) até nos fazerem crer que o melhor era fugirmos, escondermo-nos, ou seríamos, algures lá longe na Periferia, as cobaias da segunda parte da Experiência” (COSTA, 2022, p. 20). A passagem lembra-nos ainda das leis colonias contra a miscigenação, palavra inclusive usada pela narradora: “Não sei sinceramente se temos algum erro genético que nos impeça de ter filhos com os não-Pacientes, ou se o motivo pela qual foi proibida a miscigenação é outro” (COSTA, 2022, p. 19).

A certa altura a narradora questiona-se:

Quantos Pacientes fugitivos existem nesta cidade, quantos a percorrem na clandestinidade sem deixar pegadas? Quantos recusaram encetar uma nova vida na Periferia, fazendo da nossa cidade o seu limbo? Quantos é que andam por aí, escondidos, disfarçados, indeléveis? Com quantos foragidos iguais a mim, da linhagem dos Pacientes me cruzo, sem eu saber que o são? A verdade é que não sei se sou um caso excepcional ou comum. (COSTA, 2022, p. 27)

Neste caso, a narradora encontra-se no limiar entre uma forma de racismo *antiga* baseada num conceito de “raças biológicas” e na ideia de “superioridade” versus “inferioridade,” e *novas* formas de racismo baseadas na “diferença cultural” ou em “religiões” que se consideram incompatíveis com a cultura nacional” (KILOMBA, 2020, p. 65). Devido à violência a que o estado a submete, a ideia da sua própria nação é praticamente inexistente, pois sobre ela nada sabe ou conhece:

Dizem-nos que as estradas levam a outras cidades e que todas estas cidades se inserem dentro de um mesmo território, controlado pelas mesmas leis, que fazem deste vasto território uma só nação, por oposição a outras nações, regidas por outras leis, mas a verdade é que tão difícil conceber ou visualizar mentalmente a nossa nação como as outras nações. Assim como é difícil imaginar a Periferia. Para nós, o que existe é a cidade e os seus arrabaldes ou subúrbios. (COSTA, 2022, p. 26)

A violência contra a personagem, e outros como ela, é exarcebada na esfera espacial em que o seu espaço se vai afunilando, não tendo liberdade para se movimentar para além das ruas da cidade. Na verdade, ela é vítima



de uma tripla violência: como mulher, como descendente dos Pacientes da Experiência histórica, e como pessoa que vive já na periferia da cidade sem ter sido ainda remetida para o que consideram a “verdadeira” Periferia. Tal, leva-a a pensar o pior: “É possível que o território desabitado da nação que se estende entre uma cidade e outra esteja cheio de ossadas de cadáveres” (COSTA, 2022, p. 27); um destino a que tenta fugir deambulando incessantemente pelas ruas da cidade.

*Periferia* alude ainda à violência histórica da escravidão como forma não só de preservar a memória como de anunciar formas de colonialidade “descendentes” do passado. R., uma das amigas da narradora demonstra esta consciência histórica e social, alertando-a para um futuro baseado na “lei do eterno retorno” (COSTA, 2022, p. 29), quando a vivência quotidiana é de ignorância:

Nós não temos pulmões mais fracos, somos iguais aos outros, dizia-me R. com convicção, as autoridades aproveitam-se da nossa ignorância sobre essa suposta Experiência que ocorreu no tempo dos nossos trisavões para estabelecerem diferenças entre todos nós e definirem a vida de uns e outros baseando-se nelas, eles usam o enigma da Experiência para nos fazer entrar nas suas experiências banais. Assustei-me. (COSTA, 2022, p. 28-29)

A narradora começa assim a acreditar que a marca que dividia a população, uma marca simbólica e convencional, mas naturalizada, está agora a ser usada para separar efectivamente as pessoas umas das outras, relegando o grupo “marcado” por uma deficiência para a periferia. O passado histórico foi também rasurado não permitindo aos Pacientes saber exatamente quem são e de onde vêm. Podem apenas viver de lendas e mitos: “os nossos registos históricos não abarcam mais do que um século e meio, e para lá desse período apenas restam lendas de civilizações perdidas e guerras em que vencedores e vencidos se fundem numa só massa de vítimas” (COSTA, 2022, p. 76). A desconfiança impera na cidade onde não se pode confiar em ninguém. A relação com a Sra. V., se necessária para a sobrevivência, é apenas para a narradora a lembrança violenta da perda dos seus pais. Nesta situação ela não é mais do que “uma espécie de filha bastarda, unida a ela por um cordão umbilical recriado” (COSTA, 2022, p. 65). Os espaços confinados por onde por vezes tem de passar configuram-se com um duplo significado contraditório na sua vida de fugitiva: eles são uma prisão, mas também um refúgio. A solidão a que é remetida começa a revelar-se como um mundo interior de trevas, onde a paz é impossível de ser encontrada (COSTA, 2022, p. 75). A violência aqui é histórica e psicológica no sentido da teoria desenvolvida por Franz Fanon em *Black Skin, White Masks* (1952), no qual este traça o impacto psicológico da instituição do colonialismo na psique do colonizado. A violência psicológica, para Fanon, deriva do impacto da lei colonial na exploração económica e alienação do oprimido. Inclui igualmente lavagens cerebrais e ameaças; é a consequência da combinação de violência

cultural, estrutural e física. No mundo pós-colonial Fanon previu a réplica da violência colonial pelas novas elites que tinham assimilado os valores do colonizador. Referindo-se à pós-colonialidade, Ato Quayson afirma igualmente que, “[t]he postcolony is a place of violence. This violence constituted by the wars and acts of expropriation that undergirded the colonial order becomes endemic in the postcolony and produces a series of persistently violent political and social disjunctures” (QUAYSON, 2001, p. 192). No mundo “futurista” da narradora, o apagar da História não é sinónimo de uma rasura da violência pois “o sofrimento que invocava [uma cruz] era de ontem e de hoje em simultâneo” (COSTA, 2022, p. 76). Este novo mundo lava e apaga a memória, infringindo o sofrimento da mesma forma que o sistema colonial o fez:

Um sentimento de defaudação e tristeza seguiu-se à minha visita ao Palácio de Vidro, tendo-me apercebido de que até as histórias que os meus pais me contavam quando eu era criança, guardadas num lugar seguro da memória, já não estavam, afinal, a salvo de serem desmentidas ou tornadas obsoletas. Perguntei-me que outros mitos infantis e inofensivos estavam as autoridades dispostas a apagar sem anúncio prévio como se quisessem também apagar a infância das nossas consciências, e já estivessem a decidir o que deixar às gerações seguintes (...). (COSTA, 2022, p. 77-78)

À medida que o tempo avança, o diálogo interior torna-se mais intenso e observamos a deterioração não apenas psicológica da narradora, mas física. Ela já não é mais humana, mas um fantasma andante apoderado pelo cansaço, a fome e a sede. O sistema autoritário a que tenta escapar começa a fazer-se sentir como um peso cada vez mais difícil de carregar: “Um esqueleto emaciado, de ombros descaídos, passo trôpego e olhar ausente. A pele estava tão seca que ganhava feridas. O cabelo caía quando me penteava e eu acreditava até que ele caísse às mancheias no meio da rua e que até poderia ser apanhado por alguém que me seguisse” (COSTA, 2022, p. 124). A vida perde o sentido, transformando-a “num animal” (COSTA, 2022, p. 127), condição repetida por várias vezes, “eu era um animal caído incapaz de se guiar por qualquer alvo” (COSTA, 2022, p. 129). Estamos assim perante um dos pilares fundamentais da modernidade assente em narrativas que criam “outros” para se sustentar a si própria. Ao não ser aceite no centro, a narradora é violentamente arrastada para uma periferia (mesmo que ainda permaneça na cidade) onde ironicamente se vai transformando até fazer mesmo parte dessas categorias: diferente, mulher, animal, como defende Pratt. Ao perder a casa, o trabalho, e a sua individualidade, ela torna-se um ser invisível para a sociedade do centro, lembrando as palavras de Maldonado-Torres, “The immediate effects of modernity/coloniality include: the naturalization of extermination, expropriation, domination, exploitation (...)” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 17): “Esse momento lembrava-me a minha dependência, e a impossibilidade de sair dela” (COSTA, 2022, p. 128).

A narradora começa por fim a questionar o sistema dos anéis e o seu propósito. Seriam eles um sistema de geolocalização? Segundo ela, “A verdade é que eu nunca sentira os efeitos deste sistema na minha vida quando tinha o anel vermelho colocado no dedo anelar esquerdo, nunca as autoridades me tinham chamado através dele” (COSTA, 2022, p. 134-135). Ao ser confrontada com a iminente morte da Sra. V., apoderada pelo cansaço e sem mais alternativas na cidade, a narradora decide-se a fugir da cidade apesar do terror que sente ao ter de fazer uma “travessia sem destino” (COSTA, 2022, p. 141) até à suposta “Periferia.” Antes de lá chegar, há uma intermissão, os Arrabaldes, que dão o título à segunda parte do romance. Aqui ela é confrontada com uma outra realidade. Embora os habitantes destes arrabaldes também usem anéis, eles parecem deter mais liberdade. Tudo lhe parece, no entanto, ambíguo, e cheio de contradições. Aqui, para si, são os “outros” os animais, devido aos seus costumes mais liberais. A narradora acaba por ser identificada como uma fugitiva e presa, ficando “durante três dias trancada numa cela” (COSTA, 2022, p. 152). A forma de ser liberta e não ser devolvida à Cidade é aceitar trabalhar para as autoridades dos Arrabaldes, como agente que lhes daria conta de movimentações suspeitas dos habitantes:

Porque algumas pessoas daqui têm motivos para se esconder, nós precisamos apenas de saber quem são elas e que motivos são esses, explicou o homem, acrescentando depois, claro que nem toda a gente tem alguma coisa subversiva para esconder mas existe essa tendência social para o encobrimento, daí que toda a gente tenha começado a colocar vidros opacos nas janelas logo após receberem das autoridades uma casa, nós poderíamos proibir isso, sim, mas, tal como disse, demos demasiada liberdade a toda a gente e é difícil voltar atrás, se começássemos com proibições disto e daquilo as consequências seriam imprevisíveis. (COSTA, 2022, p. 154)

Ao tornar-se numa espia, uma actividade para a qual não se sente vocacionada e que a faz sentir vergonha, a narradora apercebe-se da extrema contradição da sua situação: “(...) eu poderia seguir e espiar os outros mas sem nunca me esquecer que também eu estava na mira, a ponto de ser eu a perseguida e a espiada” (COSTA, 2022, p. 166). Nos arrabaldes, a sua situação de vida torna-se ainda mais intolerável visto o nível de violência exercido sobre si ser ainda maior do que na cidade. Aqui, “nas margens da cidade, [é] duplamente marginal” (COSTA, 2022, p. 171). A situação em que a narradora se apresenta espelha ainda a teoria de Maldonado-Torres, apoiando-se em Fanon, sobre as dimensões da colonialidade, sendo a principal a que diz respeito ao sujeito. Nas suas palavras, “the subject is a field of struggle and a site that must be controlled and dominated for the coherence of a given worldview and order to continue undisturbed” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 19). A forma de as autoridades controlarem a narradora é dar-lhe uma “profissão” que pressupõe o controlo de outros. Como vimos, tal não é mais do que uma falácia, pois ela está ainda sujeita ao domínio dessas mes-

mas autoridades. Os arrabaldes, que aparentemente pareciam um lugar de liberdade, revelam-se também como um espaço de violência estatal exercida, ainda que mais subtilmente, sobre os seus habitantes. Esta maior liberdade, segundo a narradora, deve-se ao facto de os habitantes “terem sido os inventores da Experiência, e não os seus sujeitos experimentais. Eles teriam sido um grupo de inventores e criadores, enquanto na cidade, Pacientes e não-Pacientes teriam sido as suas cobaias passivas” (COSTA, 2022, p. 183). No entanto, um dos personagens com quem fala, esclarece-a de que “aqui nesta terra que os habitantes da cidade gostam de apelidar de arrabaldes, (...) para nós é a nossa cidade, o nosso centro, ainda que estejamos sitiados” (COSTA, 2022, p. 177). Tal significa que não têm contacto com o exterior, como a narradora acaba por descobrir:

(...) em breve descobri que não havia nenhum autocarro que fizesse a ligação daqueles arrabaldes com outros. A pé também não podia chegar a lado nenhum: percebi que aqueles arrabaldes estavam rodeados pelos mesmos baldios que eu já conhecia. Eu estava numa zona sem nenhuma ligação para outras zonas limítrofes habitadas da cidade, como se fosse um apêndice singular desta, uma excrescência solta. (COSTA, 2022, p. 174)

Novamente, começa a sentir-se sem energia, cansada, isolada, com todas as consequências mentais que advêm de viver sob coação das autoridades dos arrabaldes e dos seus habitantes, que a excluem, pois todos, a seu modo, são “resistentes à imposição dos seus [da cidade] costumes e (...) acreditamos que um dia vamos retomar o domínio sobre a nossa terra” (COSTA, 2022, p. 178-179). A narradora acaba por descobrir que afinal não passou de um brinquedo nas mãos das autoridades, sendo não mais do que o oposto de uma espia. É então enviada para a Periferia. Tinha chegado ao final da sua fuga e agora iria para onde a conduzissem.

A Periferia acaba por ser não apenas uma grande lixeira, mas “o espaço da sua própria exclusão” (COSTA, 2022, p. 212): “Havia um grande buraco escavado na terra onde se amontoavam sacos negros que reconheci serem sacos de lixo” (COSTA, 2022, p. 192). A narradora apercebe-se “que tinha chegado a um sítio onde já não havia nem barreiras nem salva-guardas: as únicas capas protectoras eram os sacos que continham o lixo mas que estavam a ponto de serem perfurados, a ponto de fazerem derramar a porcaria” (COSTA, 2022, p. 193). Ela toma, assim, consciência que chegou ao fim da travessia e que esse fim “não era catastrófico, mas apenas sujo e apodrecido” (COSTA, 2022, p. 195). A sua primeira reacção em relação a este lugar, que se identifica como totalmente oposto ao que viu até aqui, é de repúdio; tudo lhe parece repulsivo, as pessoas amontoam-se com o lixo e há uma falta de espaço que sente como uma violência, como uma “violação da intimidade” (COSTA, 2022, p. 196). As pessoas que tinham sido “atiradas” para a Periferia “eram apenas um monte de carne que se misturava com a porcaria do lugar que habitavam” (COSTA, 2022, p. 196),

ou seja, as pessoas aqui são o equivalente mais puro de animais. Tal visão faz com que sinta nostalgia pelo mundo que a expulsou e pelas regras da cidade que impunham divisões entre pessoas e que proibiam a miscigenação: “E, no entanto, esse mundo sólido de barreiras de contenções da cidade e dos seus arrabaldes encontrava o seu fim ali naquela periferia, derruía-se, abria espaço a um mundo onde as pessoas se amalgamavam como animais, estavam esquecidas de onde vinham, quais as suas origens e leis” (COSTA, 2022, p. 199). É assim na periferia que a narradora se encontra na profunda divisão criada pela modernidade/colonialidade, em que sujeitos são transformados em animais para que os da cidade/centro continuem a exercer a sua superioridade e poder. Os “rostos cansados, feios, tristes e sem vergonha (...)” (COSTA, 2022, p. 200) que a narradora observa nos primeiros dias em que se encontra a trabalhar na lixeira, denotam a catastrófica transformação operada pela modernidade e notada por Maldonado-Torres:

Modernity/coloniality is, in fact, the catastrophic transformation of whatever we can consider as human space, time, structure, culture, subjectivity, objectivity, and methodology, into dehumanizing coordinates or foundations that serve to perpetuate the inferiority of some and the superiority of others. It is an epochal instantiation of the master/slave dialectic, with the exception that the structure is meant not to be dialectical. That is, in the modern/colonial world, the colonized are meant to perpetually be condemned to the zone of damnation or hell. And so, following Fanon, the subject that is constituted by the coloniality of knowledge, power, and being as the subject against other forms of subjectivity will be defined, can be described as the *damné* or condemned. (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 20)

A narradora faz agora parte do grupo dos condenados que no romance são simbolicamente descritos como trabalhadores de lixeira e, por metonímia, também eles considerados lixo. Estamos perante o trabalho forçado, humilhante e desumanizador, epítome do mundo colonial — que se perpetua pelo pós-colonial —, ao qual a narradora se vai habituando: “A sensação de caos promíscuo que eu tivera no primeiro dia que chegara mitigara-se da mesma maneira que o fedor também se mitigara. Afinal, ainda que forçadas a viver como animais, as pessoas não haviam esquecido as regras básicas da convivência” (COSTA, 2022, p. 203). O que mais a tinha aterroizado era afinal “o sofrimento latente nos rostos, e que eu evitava ver, pois nada me tinha preparado para aquilo, para o confronto sem mediação com as emoções em estado bruto dos outros” (COSTA, 2022, p. 205). É preciso assim criar mecanismos que escudem da dor, da violência e do sofrimento, o que normalmente significa criar um espaço interior que os bloqueie: “Nós criávamos a nossa própria redoma no meio do lixo, uma protecção face à violência da dor dos outros, que ali, sem paredes, sem véus, sem quaisquer barreiras, ficava escancarada” (COSTA, 2022, p. 205).

O viver-se nestas condições de exclusão, de trabalho desumano, de condições precárias de habitação conduz a uma sensação de igualdade e a um espírito de solidariedade. No meio da pobreza, as diferenças físicas esbatem-se e os anéis que antes eram vistos como simbólicos pela narradora, passam a ter o significado real da exclusão a que sempre fora submetida:

(...) agora somos todos iguais, ninguém quer saber a nossa proveniência, trabalhamos na lixeira, fazemos o trabalho que ninguém quer fazer. (COSTA, 2022, p. 197)

Mas havia algo que genuinamente nos aproximava uns dos outros, uma aproximação que, por outro lado, se poderia confundir com promiscuidade. Esse algo era a falta de medo de sermos denunciados. Apesar de ostentarmos as nossas caras distintas, éramos obviamente iguais no meio do lixo, a lixeira não era um sítio onde alguém pudesse ter precedência sobre os companheiros, e não tínhamos motivos para desconfiar uns dos outros. (COSTA, 2022, p. 202)

Como refere Maldonado-Torres, “the *damnés* are represented in ways that make them reject themselves and, while kept below the usual dynamics of accumulation and exploitation, can only aspire to climb in the power structure by forms of assimilation that are never entirely successful” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 21). No entanto, em *Periferia*, a narradora e os personagens que fazem parte do grupo dos *damnés* começam a aspirar, talvez não a subir na estrutura de poder, mas a encontrar um lugar alternativo de subjectividade. A narradora enfatiza que o que lhe permitiu sobreviver foi “saber que não tinha chegado a uma selva cheia de animais mas a uma selva onde as pessoas tentavam não ser confundidas com animais” (COSTA, 2022, p. 203-204), o que significa um processo de manutenção da dignidade humana contra a violência imposta pelas autoridades. A certa altura, ela começa a observar um pequeno grupo que se afasta todos os dias depois da jornada de trabalho para cavar uma segunda cova, que se torna cada vez maior e mais funda. Um dia, junta-se a esse grupo e começa a cavar “ao mesmo ritmo sincronizado dos outros” (COSTA, 2022, p. 214). Aqui ela encontra uma “harmonia entre nós” e, embora não sabendo bem o significado do que fazem, esse novo buraco “era agora também meu. Nosso” (COSTA, 2022, p. 214). Espelham-se neste momento de união, trabalhando para um fim comum, que embora não se saiba bem qual é, as palavras de Anzaldúa: “We are all wounded, but we can connect through the wound that alienated us from others. When the wound forms a *cicatriz*, the scar can become a bridge linking people who have been split apart” (ANZALDÚA, 2009, p. 313).

Regressando a Pratt, esta questiona a certa altura do seu estudo sobre a modernidade como projecto *difusionista* e, como consequência, violento, ao criar “outros” através de um centro de poder hierarquizador: “Can peripheral or alternative modernities result in peripheral or alternative plenitudes?” (PRATT, 2002, p. 39). Simbolicamente o romance *Periferia* revela, através de um sujeito feminino invisível e relegado às margens, a possibili-

dade de se construir ou uma modernidade alternativa ou uma alternativa à modernidade violenta que se conhece. Tal é feito, metaforicamente, através de uma cova, ou seja, de uma abertura na terra cujo propósito ainda não se conhece, mas que tem a “pureza do propósito indefinido” (COSTA, 2022, p. 213), pelas mãos daqueles que não se conformam à submissão e que, do nada ou do mais elementar, a terra, estão dispostos a “build the world of [the] you” (FANON, 2008, p. 206). A narrativa distópica do romance pode ser, assim, considerada como um projecto decolonial, na definição oferecida por Maldonado-Torres: “Decolonization is therefore not a past event, but a project in the making” (MALDONADO-TORRES, 2016, p. 29), e a periferia um espaço de resistência e de domínio sobre si própria. O facto de o romance ter como personagem principal uma personagem feminina cujo pensamento e olhar dominam a narrativa, enfatiza a condição feminina como duplamente periférica, assumindo aqui, deste modo, a periferia um duplo valor de dissidência e resistência à hegemonia patriarcal e ocidental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANZALDÚA, Gloria. Let us be the healing of the wound. *In*: KEATING, Ana Louise (ed.). *The Gloria Anzaldúa Reader*. Durham: Duke University Press, 2009, p. 303-317.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

COSTA, Catarina. *Periferia*. Lisboa: Guerra & Paz, 2022.

DUSSEL, Enrique. Eurocentrism and Modernity: Introduction to the Frankfurt Lectures. *In*: John Beverley, Jose Oviedo, and Michael Aronna (eds.). *The Postmodernism Debate in Latin America*. Ed. Durham: Duke University Press, 1995. p. 65-76.

FANON, Franz. *Black Skin, White Masks*. New York: Grove Press, 2008.

KILOMBA, Grada. *Plantation Memories. Episodes of everyday racism*. Munster: UNRAST-Verlag, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. “Outline of Ten Theses on Coloniality and Decoloniality.” 23 Out. 2016 Disponível em: [https://fondation-frantzfanon.com/wp-content/uploads/2018/10/maldonado-torres\\_outline\\_of\\_ten\\_theses-10.23.16.pdf](https://fondation-frantzfanon.com/wp-content/uploads/2018/10/maldonado-torres_outline_of_ten_theses-10.23.16.pdf). Acesso em 26 de outubro de 2023.

MALEŠEVIĆ, Siniša. *The Sociology of War and Violence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

MARGATO, Izabel. *Tirantias da Modernidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

McKAY, Thomas. Names, Casual Chains, and De Re Beliefs. *Philosophical Perspectives*, v. 8, 1994, p. 293-302.

PRATT, Mary Louise. Modernity and Periphery: Toward a Global and Relational Analysis. *In*: MUDIMBE-BOYI, Elisabeth (ed.). *Beyond Dichotomies*.

*Histories, Identities, Cultures and the Challenge of Globalization*. Albany: State University of New York, 2002. p. 21-47.

QUAYSON, Ato. Symbolisation Compulsions: Freud, African Literature and South Africa's Process of Truth and Reconciliation. *The Cambridge Quarterly*, v. 30, n. 3, 2001, p. 191-214.

*Recebido para avaliação em 02/05/2023*  
*Aprovado para publicação em 13/06/2023*

## NOTAS

1 Professora Associada no Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da University of Central Florida. Doutorada em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University. Pesquisadora do PielaAfrica (CNPq) e do CLEPUL. É autora dos livros *Ficções do Outro: Império, Raça e Subjectividade no Moçambique Colonial* (2015), e *Portugal Segundo os Estados Unidos da América* (2021). É co-editora dos livros *Visitas a João Paulo Borges Coelho. Leituras, Diálogos e Futuros* (2017) e *The Africas in the World and the World in the Africas: African Literatures and Comparativism* (2022).